



O Aluno de Jornalismo e a Divulgação Científica¹

Cristiane Portela²

Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

À medida que se faz premente a divulgação da ciência na sociedade atual, a ciência, ela mesma, tem ocupado cada vez mais espaço nos meios de comunicação. Os jornalistas, enquanto produtores das notícias, também são responsáveis pela qualidade do que é veiculado sobre ciência. Dessa forma, faz-se necessário entender como estão sendo formados, ainda durante a graduação em Jornalismo, os alunos que serão futuros divulgadores da ciência. Para a consecução desta proposta são analisadas as grades curriculares dos Cursos de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo - das Instituições de Ensino Superior (IES) privadas de Teresina-PI, com a finalidade de identificar se os referidos cursos possuem disciplinas específicas que dizem respeito a este tipo de formação. Conclui-se que apenas um curso analisado oferta aos discentes a disciplina Jornalismo Científico e Ambiental.

Palavras-chave: Ciência; divulgação científica; jornalismo científico; jornalismo-ensino.

1 Introdução

Há, com mais frequência, conscientização da população no sentido de que o progresso das nações está irremediavelmente atrelado à produção e ao domínio da informação, mormente no que concerne à informação científica e tecnológica (ICT), e, por conseguinte ao jornalismo científico. Dessa forma, alguns autores, como Oliveira (2002), acreditam que:

o acesso às informações sobre C&T [ciência e tecnologia] é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T. (OLIVEIRA, 2002, p. 13).

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com bolsa da CAPES. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Santo Agostinho (FSA). E-mail: crisportela14@yahoo.com.



Diante da relevância da própria ICT ou das notícias científicas e da mídia, acrescenta-se que a ciência busca, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros. No entanto, face à dinamicidade intrínseca à própria natureza, seus resultados são sempre provisórios. Isto é, esses sistemas explicativos não têm caráter permanente. Inserem-se num processo ininterrupto de investigação, o que faz da ciência uma instituição social, dinâmica, contínua e cumulativa.

Em tal perspectiva, sem pretensões históricas, inferimos que a ciência influencia há séculos a humanidade, criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos, ampliando de forma permanente e progressiva as fronteiras do conhecimento. Mais do que nunca, em meio ao fenômeno da globalização, o qual pressupõe, sempre, acesso à tecnologia da informação e da comunicação (TIC), a ciência estimula e orienta a evolução humana, interfere na identidade dos povos e das nações, estabelece as verdades fundamentais de cada época (TARGINO, 1999-2000).

Sob tal ótica, na atualidade, a ICT, sob a forma de notícias científicas, está cada vez mais presente nos meios de comunicação, refletindo as demandas informacionais do homem, na contemporaneidade, pois são elas que possibilitam ao indivíduo estar informado e consciente acerca do papel evolutivo da ciência. Tal panorama *per se* justifica a incontestável importância do jornalismo científico para o desenvolvimento da imprensa periódica atual. É ele o resultado da união de dois sistemas, o de C&T e o de comunicações, na tentativa de tornar claro para o público leigo as novas descobertas científicas e suas aplicações, como Bueno (1985b) bem enfatiza, o que, em outras palavras, significa destacar a utilidade do jornalismo científico para a sociedade e sua responsabilidade na propagação do conhecimento científico e tecnológico.

Diante do exposto e frente à ausência de pesquisas anteriores direcionadas a analisar as grades curriculares dos Cursos de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo - das Instituições de Ensino Superior (IES) privadas de Teresina, com a finalidade de identificar se tais cursos possuem disciplinas específicas que abordem o Jornalismo Científico (JC), opta-se pela referida investigação. Com a perspectiva de que disciplinas que incluam tal abordagem podem contribuir para despertar nos alunos interesse pela área, bem como incentivá-los a uma especialização mais rigorosa se optarem pela cobertura da ICT, inclusive direcionando-os para a escolha de caminhos que possibilitem aprofundamentos.



2 Ciência e Jornalismo

Em termos conceituais, a expressão – jornalismo científico – desperta divergências e controvérsias, embora, consensualmente, todas as posições reiterem sua função e utilidade social. Para Santos (1979, p. 499), por exemplo, “é o processo pelo qual se transmite ciência ao grande público de uma forma acessível”.

Em contraposição, Bueno (1985a) argumenta que a divulgação científica via meios de comunicação de massa fica reduzida à prática de transferir informação, legitimando o jornalismo como “atividade de mão única”, que transfere saberes. Além do mais, critica a expressão utilizada, com frequência, pelos comunicólogos ao se referirem ao jornalismo científico – “linguagem acessível ao grande público” –, por entender que não se pode definir qual é este tipo de linguagem e como ela pode atingir por igual um público não homogêneo, como acontece no âmbito nacional. Em sua visão, antes de conceituar o JC, é essencial, em primeiro lugar, definir o jornalismo, em termos amplos, como processo caracterizado essencialmente pela “atualidade, universalidade, periodicidade e difusão”. Ademais, como alerta Epstein (2002, p. 82), “o público, em geral, conhece a ciência menos por meio da experiência direta ou educação prévia do que através do filtro da linguagem e da imagética do jornalista”.

Isto sinaliza para o fato de que, no contexto informativo da imprensa, o JC merece atenção tanto quanto outras especialidades, como política e economia, por exemplo. É a adoção da premissa básica, segundo a qual, a ciência sem divulgação não tem possibilidade de cumprir seu papel social para difusão e popularização do conhecimento científico e tecnológico, como Targino e Barros (1993) alertam. Trata-se, na verdade, de pensamento defendido por outros autores, à semelhança de Lima (1990, p. 14), para quem “a natureza dos sistemas de comunicação resulta vital para a ciência e está no próprio coração do método científico. Não há ciência sem comunicação”.

No entanto, a mídia deve atentar para a divulgação de notícias científicas, considerando não somente os aspectos meramente quantitativos, mas, sobretudo, a qualidade do que é veiculado. Isto porque a divulgação científica pode ser submetida a técnicas de manipulação, principalmente no jornalismo. Mesmo quando oferece espaço à ICT, com relativa frequência, apresenta lacunas e deformações no conteúdo noticioso, fragmentando e/ou personalizando fatos, destacando e/ou suprimindo dados, segundo previsão de Marcondes Filho (1993). Para ele, no jornalismo, em geral, ocorrem formas de encobrimento e de falseamento da notícia, como distorções, com ênfase tão-somente para determinados



aspectos da notícia em detrimento de outros, e a seleção de fontes, para favorecer certos setores sociais. Neste aspecto, a divulgação científica tem sido criticada por cientistas, jornalistas e também pelo próprio público consumidor da informação, conforme salienta Epstein (2002):

Muitos cientistas desconfiam dos jornalistas e criticam suas reportagens por infidelidade, simplificação exagerada ou eventual sensacionalismo. Os próprios jornalistas criticam, muitas vezes, a maneira pela qual a ciência é apresentada pela mídia [...] O próprio público frequentemente reclama porque a informação científica disponível nos meios de comunicação de massa é incompleta ou incompreensível. (EPSTEIN, 2002, p. 82).

De forma similar, o jornalismo científico também está sujeito a disfunções, referenciadas por Bueno (1985b) e Marques de Melo (1982). Dentre elas, a conotação político-ideológica, resultante dos compromissos políticos e ideológicos subjacentes ao desenvolvimento científico e tecnológico, ante o seu usual financiamento por grandes grupos econômicos, o que faz com que a ICT assumam, às vezes, a função de transmissora de um saber altamente comprometido com tais interesses.

Os autores fazem alusão, ainda, ao almanaquismo, compreendido como a tendência para reduzir a informação científica à curiosidade, ao mero registro de recordes, piadas etc., sem aprofundamento e criticidade. Também causa preocupação a ausência de uma mensagem didática e positiva, o que corresponde à falta de simplicidade na abordagem e de reforço aos aspectos positivos dos temas noticiados. A quarta disfunção mencionada diz respeito à tendência à inexactidão, tanto por desconhecimento do assunto, por parte do emissor, quanto por generalização ou simplificação na abordagem dos fatos veiculados. É comum a atenção desproporcional aos elementos secundários da informação científica, com o intuito de causar maior impacto junto ao público, bem como a superficialidade e improvisação, geralmente, face à carência de especialização dos profissionais encarregados de cobrir as pautas ligadas à ICT.

E, de fato, mesmo sendo atribuição de pesquisadores e comunidades científicas compartilharem os conhecimentos científicos com toda a sociedade, o que requer aproximação maior entre jornalistas e cientistas, há grave distanciamento entre esses profissionais, como consequência das formações distintas, dos métodos de trabalho diversos, da natureza peculiar de cada campo. Partindo do pressuposto de que diferença não é sinônimo de incompatibilidade, urge compreender que ciência e jornalismo não constituem esferas autônomas ou antagônicas. O cientista é identificado como produtor de conhecimento no



sentido estrito do termo, enquanto o jornalista é o intermediário e o agente que facilita o acesso das camadas sociais à produção científica.

Mas os jornalistas são criticados pela comunidade científica por cada conceito errôneo emitido, ao passo que os pesquisadores são taxados de herméticos e confusos, incapazes de transmitir conhecimentos em linguagem adequada ao povo. Pesquisador e jornalista: cada um tem suas especificidades e cada um limita-se ao seu mundo. Muitas decorrências negativas têm sua origem em tais distinções, mas é preciso romper as barreiras em prol da comunidade, mediante interação entre as duas categorias – jornalistas devem aprimorar sua formação científica e cientistas devem acreditar nos meios de comunicação, enfatizando, mais e mais, as funções do JC (TARGINO, 1999-2000). Só assim, é preciso amenizar o volume acentuado de erros técnicos, ocasionados pela carência de jornalistas especializados na área técnico-científica, dentro do denunciado por Maia (1990, p. 211), para quem “as notícias são divulgadas sem nenhuma apreciação técnica e sem uma avaliação correta de todos os aspectos envolvidos”.

3 O Jornalismo Científico e os Futuros Divulgadores da ICT

Os Cursos de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo - contribuem na formação efetiva dos futuros divulgadores da ICT quando possibilitam uma formação que desperte interesse para a área, incluindo disciplinas que deixem os discentes mais preparados para atuarem no campo do JC.

Para Targino *et al* (2004) o tipo de linguagem utilizada pelos meios de comunicação é determinante para o sucesso ou não da ICT repassada ao grande público. Disso resulta a importância de capacitar os profissionais do Jornalismo para tal finalidade, pois

compete aos jornalistas, responsáveis pela divulgação da ICT, coletar, selecionar, resumir e traduzir tal tipo de informação para a população, de forma a minimizar os riscos de distorções, presentes, sem dúvida, em qualquer processo de comunicação, sobretudo, quando se tem a missão de comunicar ciência. (TARGINO *et al*, 2004, p.5).

Para tanto, faz-se necessário que os Cursos de Jornalismo da atualidade, à medida que se proponham estar em sintonia com o mercado de trabalho, ofereçam disciplinas que favoreçam a divulgação científica.

Este artigo opta por analisar as grades curriculares dos Cursos de Jornalismo apenas das instituições privadas de Teresina-PI pelo fato de que um *corpus* menor favorece



maior aprofundamento analítico das questões que a pesquisa tenta responder. Dessa forma, a metodologia empregada é o estudo de caso, à medida que “como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados”. (YIN, 2001, p. 33).

Ao analisar as grades curriculares dos referidos cursos das duas únicas IES privadas de Teresina-PI que possuem a graduação de Jornalismo, verifica-se que uma Instituição não possui disciplina específica que contemple a abordagem da divulgação científica, enquanto a outra IES possui a disciplina Jornalismo Científico e Ambiental, ofertada³ como obrigatória no 7º período do referido Curso, com carga horária de 54h/a por semestre, ou seja, três horas semanais.

Quando se procede à análise do Plano de Curso⁴ da disciplina, constata-se que a ementa está assim definida:

- a) Jornalismo e ciência: os primórdios;
- b) Jornalismo científico no Brasil: origem e atualidades;
- c) Discurso jornalístico e discurso científico;
- d) Teorização e prática do jornalismo científico no Brasil.

Observa-se que a ementa parte de uma abordagem mais geral e teórica, “jornalismo e ciência: os primórdios”, até chegar a uma abordagem mais específica, que inclui “a prática do jornalismo científico no Brasil e no Piauí”.

Analisando-se o modo como os temas são trabalhados, através da divisão por unidades estabelecidas no Conteúdo Programático da disciplina, atenta-se para o fato de que há uma seqüência, que sempre parte do geral para o específico, na forma de conduzir os assuntos. Na Unidade I são trabalhados os seguintes temas: - Jornalismo e ciência: o começo; - Jornalismo científico no Brasil: perspectiva histórica; - Discurso jornalístico e discurso científico. Na segunda Unidade: - A prática do jornalismo científico no Brasil; - O relacionamento entre cientistas e jornalistas; - As perspectivas do jornalismo científico no Brasil. Na terceira e última Unidade: - Jornalismo e ciência: a prática na imprensa piauiense; - Análise da imprensa local.

³ Disponível em: <http://www.ceut.com.br/curso_jornalismo_grade.asp>. Acesso em: 04 de junho de 2009.

⁴ Fonte: pesquisa direta.



Assim, o aluno primeiro compreende como ocorreram as práticas iniciais da divulgação científica, através da união jornalismo e ciência, para depois entender as especificidades do discurso jornalístico e do discurso científico, que, segundo Oliveira (2002), “detêm aparentemente enormes diferenças de linguagem e de finalidade”. Visto que:

A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. A produção de um trabalho científico é resultado não raro de anos de investigação. A jornalística, rápida e efêmera. O trabalho científico encontra amplos espaços para publicação nas revistas especializadas, permitindo linguagem prolixa, enquanto o texto jornalístico esbarra em espaços cada vez mais restritos, e portanto deve ser enxuto, sintético. (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

Na abordagem da disciplina há considerável destaque para o estudo do JC no Brasil, quando oferece ao aluno a possibilidade de conhecê-lo historicamente, e ainda noções de como está sendo praticado o JC no país, além de perspectivas para o seu desenvolvimento. A disciplina também teve a preocupação de abordar a realidade local, quando inclui a prática do JC na imprensa piauiense. Outra questão, primordial para o discente de Jornalismo, e que não é esquecida pela disciplina, é a relação jornalistas e cientistas, pois

jovens jornalistas, sobretudo, caem com frequência no risco do deslumbramento quando se deparam com um PhD e aí os perigos são muitos. Medo de admitir que não sabe do que o cientista está falando e de fazer perguntas simples [...], receio de pedir ao pesquisador que dê exemplos são comuns. A consequência é desastrosa. O jornalista vai anotando tudo que o cientista fala, sem entender muito do que escreve, e na hora de redigir o texto, ou repete o que copiou, ou tenta traduzir o que não entendeu. E se o jornalista não entendeu, o leitor vai entender menos ainda. (OLIVEIRA, 2002, p. 48-49).

Quanto aos objetivos da disciplina, propostos no Plano de Curso, estabelecem que ao final da mesma o discente seja capaz de: identificar a evolução do jornalismo científico e conhecer a prática do jornalismo científico no Brasil. A metodologia adotada no decorrer das aulas inclui a discussão dos temas propostos, para isso requer do aluno leitura prévia dos textos, e inclui também seminários temáticos. Isso mostra uma preocupação com a participação efetiva do discente nas aulas, retirando do professor a figura centralizadora das discussões.

Cabe ao aluno, portanto, ampliar seus conhecimentos, uma vez que cursar apenas uma disciplina sobre o tema durante a Graduação não oferece formação completa em



divulgação científica, embora forneça noções que ajudam neste sentido. Embora o discente receba orientações sobre como proceder para despertar interesse do público em geral pela ciência, fazendo com que ela seja menos complexa, Oliveira (2002) adverte que:

o jornalismo científico requer, no mínimo, além de bom conhecimento de técnicas de redação, considerável familiaridade com os procedimentos da pesquisa científica e tecnológica, atualização constante sobre os avanços da ciência e contato permanente com as fontes, a chamada comunidade científica. (OLIVEIRA, 2002, p. 43-44).

Ainda durante a Graduação o aluno precisa compreender que se fizer a opção pelo jornalismo científico na sua futura atuação profissional, terá a oportunidade de contribuir para o próprio desenvolvimento de seu país, à medida que “a divulgação científica aproxima o cidadão comum dos benefícios que ele tem o direito de reivindicar para a melhoria do bem-estar social” (OLIVEIRA, 2002, p. 14). A autora também sugere como deve ser o futuro profissional que vai trabalhar com a divulgação científica:

O novo profissional que incentivamos aqui deverá ter visão crítica e interpretativa da ciência, como já o fazem bons jornalistas nas áreas de política, economia, cultura e esportes, só para citar as mais tradicionais. Deve romper com a cultura de “papagaios de cientistas”, que só aos poucos começa a se diluir nos jornais e meios eletrônicos brasileiros, derrubar o estereótipo de cientista do tipo professor Pardal, e desmitificar a imagem maniqueísta que o senso comum carrega da ciência. O jornalismo científico de qualidade deve demonstrar que fazer C&T é, acima de tudo, atividade estritamente humana, com implicações diretas nas atividades sócio-econômicas e políticas de um país. (OLIVEIRA, 2002, p. 14).

Assim, é decisivo o papel dos Cursos de Jornalismo para estimular futuros profissionais divulgadores de ICT, através de grades curriculares com disciplinas que atendem para tal finalidade, a seguirem o caminho de uma área complexa, porém rica em desafios que, se transpostos, contribuem para o próprio desenvolvimento educacional e cultural de uma nação.

4 Considerações Finais

A análise das grades curriculares dos Cursos de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo - das duas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas de Teresina-PI, que possuem o referido curso, revela, grosso modo, que uma IES não apresentou aos seus discentes disciplina que incluía a formação em JC, reforçando, assim, o pensamento de



Targino *et al* (2004) quando afirma que alguns cursos além de não inserirem, na grade curricular, a disciplina Jornalismo Especializado e/ou Jornalismo Científico, não procuram sequer abordar o JC em eventos acadêmicos ou mesmo em projetos propostos pelos corpos discente e docente.

A outra Instituição analisada oferece como obrigatória a disciplina Jornalismo Científico e Ambiental no 7º período do Curso, com carga-horária semestral de 54h/a, o que corresponde a três horas semanais, em sintonia, inclusive, com a carga horária das outras disciplinas que compõem o bloco. A obrigatoriedade da disciplina pode ser considerada como aspecto positivo, visto que mesmo passando a ideia de “imposição” o discente entra em contato com questões da área, podendo identificar-se com a mesma, o que talvez não fosse possível se a disciplina fosse oferecida como optativa, pois não se saberia ao certo quantos alunos teriam de fato interesse inicial por um tema que, a priori, parece complexo.

A inclusão da referida disciplina no penúltimo período da grade curricular também se apresenta como opção acertada, uma vez que nos períodos finais do Curso, o discente já possui maior familiaridade com as próprias questões do Jornalismo como um todo, bem como um grau de maturidade maior do que o apresentado pelo aluno dos períodos iniciais. Outra vantagem é que, por estar mais próximo de entrar efetivamente no mercado de trabalho, o aluno tem a oportunidade de descobrir no JC uma nova possibilidade de exercício profissional. Pode, até mesmo, sentir-se estimulado a pensar em uma especialização na área, enfim, um aprofundamento que lhe permita trabalhar com o JC como elemento primordial ao exercício pleno da cidadania.

A ementa da disciplina Jornalismo Científico e Ambiental é abrangente, procurando contemplar questões importantes para a divulgação científica, como as especificidades dos discursos jornalístico e científico, a delicada relação entre cientistas e jornalistas, bem como uma abordagem sobre o JC praticado no Brasil e na própria imprensa piauiense.

Dessa forma, a postura de não incluir uma disciplina específica sobre JC na grade curricular do Curso de Jornalismo, como ocorreu com uma das Instituições pesquisadas, deve ser repensada e revista, uma vez que a referida disciplina, como analisado neste trabalho, permite adentrar o discente nas questões amplas relativas ao jornalismo científico, entendendo a divulgação científica como recurso primordial à consolidação da democracia.



Referências

BUENO, W. da C. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, set. 1985a.

_____. Jornalismo e ciência no Brasil: os compromissos de uma prática dependente. **Revista Brasileira de Tecnologia**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 21-25, maio/jun. 1985b.

_____. O que está faltando ao jornalismo científico brasileiro? **Portal do Jornalismo Científico**. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo25.htm>. Acesso em: 17 set. 2008.

CANDOTTI, E. Divulgação e democratização da ciência. **Ciência e Ambiente**, Santa Maria, v. 23, n. ?, p. 05-13, jul./dez. 2001.

CENTRO DE ENSINO UNIFICADO DE TERESINA - CEUT. Curso de Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – Grade Curricular. Disponível em: <http://www.ceut.com.br/curso_jornalismo_grade.asp>. Acesso em: 04 de junho de 2009.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

EPSTEIN, I. **Divulgação científica**: 96 verbetes. Campinas: Pontes, 2002.

LIMA, E. **Relacionamento entre jornalistas e pesquisadores**: uma discussão. Jaguariúna: Embrapa/CNPDA, 1990.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MAIA, A. F. A imprensa e a divulgação científica. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 42, n. 3/4, p. 211-212, mar./abr. 1990.

MARQUES DE MELO, J. Impasses do jornalismo científico: notas para o debate. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 4, n. 7, p. 19-24, mar. 1982.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, V. L. S. O jornalismo científico: definições, origens e história. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 3, n. 5, p. 499-504, maio 1979.

TARGINO, M. das G. Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v.23/24, n.3, p.347-366, 1999-2000.



TARGINO, M. das G.; BARROS, A. T. de. Informação científica e tecnológica x jornalismo científico: um “*casamento*” inadiável. **Educação e Compromisso**, Teresina, v. 5, n. 1/2, p. 35-44, jan./dez. 1993.

TARGINO, M. das G. *et al.* Jornalismo científico e o olhar do universitário em Jornalismo, Teresina - Piauí. In: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Intercom, 2004.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.